



Fonte: revista "Domingo" do jornal Correio da Manhã, de 07Out2012

“O herói das mil batalhas”

Herói da Guerra do Ultramar

“Uma vida sempre no fio da navalha”

“O eterno guerreiro”

ALPOIM CALVÃO, UMA VIDA
SEMPRE NO FIO DA NAVALHA
Entrevista e pré-publicação da
biografia de um militar muito polémico

O herói das mil batalhas



ALPOIM CALVÃO, DUAS CRUZES
DE GUERRA NA GUINÉ, CONTA A SUA
VIDA DE COMBATENTE

CM (Domingo) 07 Out 2012

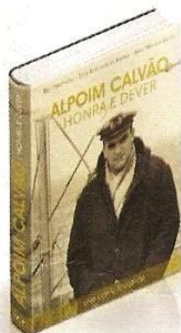
O eterno guerreiro

HERÓI DA GUERRA EM ÁFRICA, ALPOIM CALVÃO FOI BOMBISTA DO MDLP NO PÓS-25 DE ABRIL. CONTA EM LIVRO UMA VIDA DE BATALHAS

Com apenas um ano de idade, Guilherme Almor de Alpoim Calvão deixa para trás a sua Chaves natal e parte com os pais para Moçambique. Ganha em África o gosto pelo mar. Descendente de uma família de militares, Alpoim toma para si o chamamento da farda e nunca quis outra coisa que não fosse a Marinha. “Aprendi a nadar aos quatro ou cinco anos nas praias de Lourenço Marques e interessava-me por navios. Lembro-me ver os avisos de primeira classe a passar. Quando passei para o sexto ano, escolhi a alínea

F do curso, que era a que dava acesso à carreira militar”, conta na entrevista à **Domingo**.

Quando a Guerra Colonial rebenta em Angola, em 1961, Alpoim está colocado nos submarinos. Percebe que nunca seria mobilizado para a guerra, como tanto desejava, se continuasse nos submersíveis. Pede então para ser transferido para os fuzileiros. Em menos de um ano, está a comandar um destacamento na Guiné – onde se notabiliza pela destreza em combate. Ao longo da Guerra Colonial, Alpoim Calvão recebe as mais altas condecorações por feitos em combate: tem uma insígnia da Torre e Espada e duas Cruzes de Guerra. Na segunda comissão na Guiné, já sob as ordens do comandante-chefe António de Spínola, assume o comando das operações especiais. Protagoniza



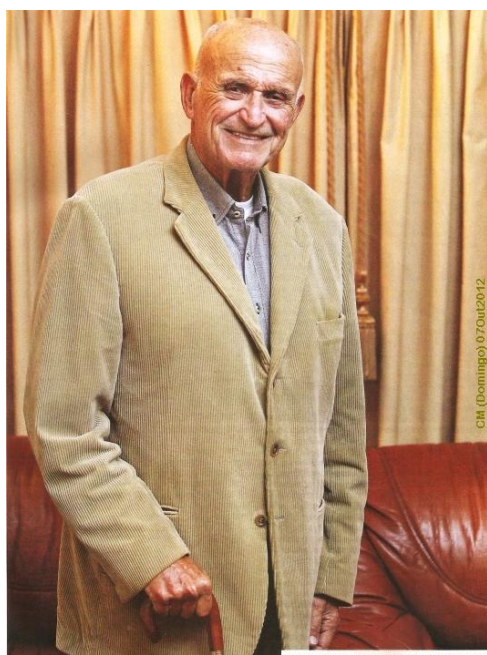
Alpoim Calvão, Honra e Dever
DE RUI HORTELÃO,
LUÍS SANCHES
DE BAÊNA E ABEL
MELO E SOUSA
Editado pela Caminhos Romanos.
Apresentação no dia 11, na Sociedade de Geografia de Lisboa.

CM (Domingo) 07Out2012

Texto **José Carlos Marques**

acções espectaculares, como a operação ‘Mar Verde’, em que toma de assalto a capital da Guiné-Conacri para libertar 24 prisioneiros portugueses.

De regresso a Portugal, Calvão chega a comandante da Polícia Marítima. Em 1974, é convidado para se juntar ao Movimento dos Capitães, que fariam o 25 de Abril. Recusa entrar no golpe porque os militares “não tinham definido o futuro do Ultramar”. É o início da luta contra a esquerda. Combate o PCP à bomba: acredita que “Portugal corria então o risco de se tornar um país comunista” – e assume-se como o cérebro operacional do MDLP. Exilado após o golpe falhado de 11 de Março de 1975, inicia uma carreira empresarial no Brasil e na Guiné - -Bissau. Hoje, aos 75 anos, com três filhos e sete netos, diz-se “um homem em paz”. ☺



FOTOGRAFADO QUARTA-FEIRA NA SUA CASA EM CASCAIS

Alpoim Calvão

“TINHA ÂNSIA DE COMBATER”

EM 1963 QUIS IR PARA A GUERRA NA GUINÉ. ONZE ANOS MAIS TARDE, PUNHA BOMBAS EM PORTUGAL

CM (Domingo) 07Out2012



Em 1970, liderou a invasão de Conacri, na operação ‘Mar Verde’. Queriam eliminar o presidente Sékou Touré?

Não, o Touré era um alvo de passagem, como seria o Amílcar Cabral ou outro dirigente, mas não estavam na cidade. Os objectivos eram libertar os 26 prisioneiros portugueses que aí estavam detidos e afundar as lanchas do PAIGC. Se por acaso apanhássemos algum tipo desses, era um bónus e seriam mortos. Ocupámos quase todos os pontos planeados. Capturei a Guarda Republicana toda, com o furriel Marcelino da Mata, que teve uma acção heróica. A pri-

Onde estava colocado quando a guerra começou em Angola, no ano de 1961?

Estava na Direcção do Serviço de Submarinos da Marinha, encarregado do grupo de mergulhadores da Armada e com especialização em submarinos.

Como foi a sua mobilização para a Guerra Colonial?

Quando se começou a desenhar a possibilidade de haver problemas nos territórios ultramarinos, a Marinha começou a preparar-se. Criou-se um corpo de desembarque que deu origem a uma nova classe da Marinha, os fuzileiros. Tentei sair dos submarinos, mas o comandante não me deixava. Expliquei então ao almirante Reboredo, chefe do Estado-Maior da Armada, que não me sentia bem, tendo a possibilidade de combater, estar num serviço que tão cedo não ia entrar em combate. O almirante deu-me ordem de transferência para os fuzileiros, onde fui tirar o curso. Mas expliquei claramente que queria combater na Guiné-Bissau.

Porquê a Guiné-Bissau?

Era o cenário ideal para os fuzileiros. Havia muitos rios, água, grandes extensões. Tinha ânsia de combater, um desejo real de conhecer o que era a guerra. Cheguei à Guiné em 1963, quatro dias depois de acabar o curso. Aos 26 anos, casado e pai de um filho, era primeiro-tenente.

Na primeira comissão, de 1963 a 65, comande o destacamento nº 8, com 75 homens.

Quando conheceu Spínola?

Conheci o então general António de Spínola, comandante-chefe e governador da Guiné, logo quando cheguei à Guiné-Bissau em 1969 para a minha segunda comissão. Fui colocado a comandar o COP 3 a norte em Bigene. Tínhamos uma actividade constante de assaltos, operações, golpes de mão, patrulhas nos rios. Depois fiquei a chefiar as operações especiais no território.

Spínola alterou a estratégia da guerra. O que mudou?

A guerra teve uma continuidade, mas Spínola tornou-a mais agressiva. Intensificou as operações, mas também o apoio às populações, que gostavam de Spínola. Ele aparecia de helicóptero fosse onde fosse, impetuosamente fardado, com o monóculo e o pingalim. Conheci dois outros comandantes-chefes na Guiné. Louro de Sousa era um bom oficial do Estado-Maior, mas não tinha jeito nenhum para comandar as tropas. Arnaldo Schulz era muito inteligente, mas levava as coisas com mais calma. Com Spínola, para a frente é que era o caminho. Nos tempos de Schulz, fazia operações no sul em que entrava na Guiné-Conacri e ele chegou a suspender os movimentos. Só pude realizar esse tipo de operações com o Spínola.

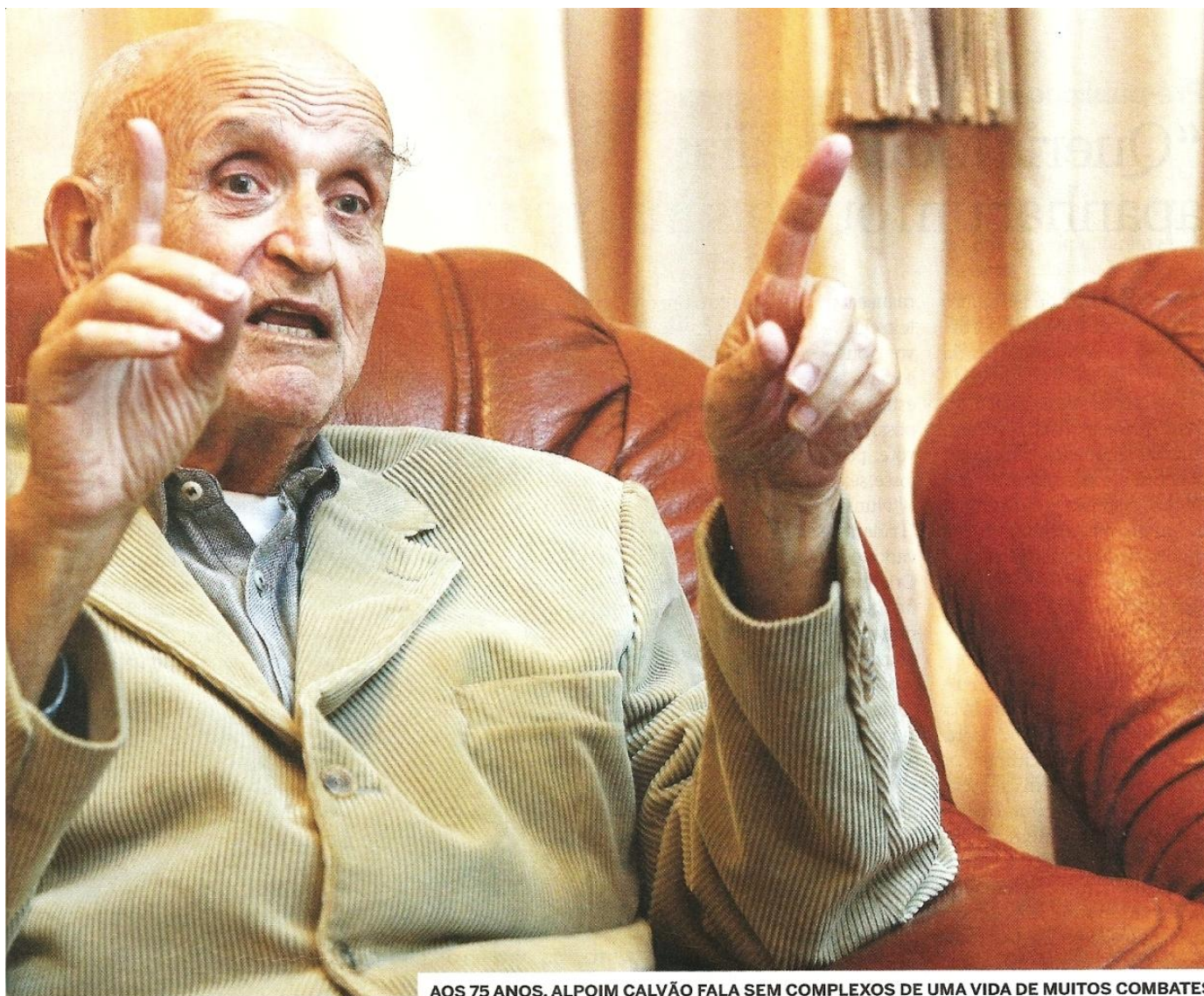
“Tendo a possibilidade de combater, não queria estar num serviço que tão cedo não o iria fazer”

“Spínola tornou a guerra mais agressiva. Intensificou as operações, mas também o apoio às populações”

“Os objectivos [da operação ‘Mar Verde’] eram libertar os 26 prisioneiros portugueses e afundar lanchas do PAIGC”

Quem matou Amílcar Cabral foi Inocêncio Kani, líder da Marinha do PAIGC. Matou Cabral com um tiro no fígado

Comandante Alpoim Galvão



VICTOR MOTA

AOS 75 ANOS, ALPOIM CALVÃO FALA SEM COMPLEXOS DE UMA VIDA DE MUITOS COMBATES

CM (Domingo) 07Out2012

são foi tomada à força de bazucas, que derrubaram os muros. **Os portugueses tiveram alguma coisa a ver com a morte de Amílcar Cabral, em 1973?**

Não. Toda a gente sabe quem matou o Amílcar Cabral. Dentro do PAIGC havia rivalidades terríveis e eles resolviam a coisa matando-se uns aos outros. Havia um ódio grande entre eles. Quem matou Amílcar Cabral foi Inocêncio Kani, que era o líder da Marinha deles. Matou Cabral com um tiro no fígado.

Pouco antes do 25 de Abril de 1974, foi convidado para pertencer ao Movimento dos Capitães. Porque recusou?

“O Movimento dos Capitães não sabia qual a posição a tomar sobre as províncias ultramarinas”

“Posso garantir que, depois do 25 de Novembro de 1975, não pusemos nem mais uma bomba”

Por causa do Ultramar. Foram a minha casa explicar-me o que pretendiam, mas não sabiam qual a posição a tomar sobre as províncias ultramarinas. E eu disse-lhes logo que assim não contavam comigo. A partir daí, entrei num combate constante contra o ‘25/A’ que dura até hoje. Depois do 11 de Março [golpe liderado por Spínola em 1975, que fracassou], saí para Espanha, onde fundámos o MDLP.

O MDLP pôs bombas e destruiu sedes do PCP. Como recorda esses tempos?

A organização era difícil, muita gente andava a pôr petardos por razões pessoais. Mas posso ga-

rantir-lhe que, depois do 25 de Novembro de 1975, não pusemos nem mais uma bomba. Até lá, foram todas da minha responsabilidade, mas depois disso o movimento foi extinto. O regime entrou na normalidade, com eleições marcadas, era tempo da luta política.

Essas bombas deixam-no dormir descansado?

Descansadíssimo. A maior parte delas não fez mal a ninguém. Portugal corria o sério risco de se tornar um país comunista, era preciso agir. ☺

Pré-publicação

“Queria todos os dias apanhar um ou dois inimigos”

Em 16 de Setembro de 1963, por portaria do ministro da Marinha, são criados os DFE nº 6, 7 e 855. O primeiro destinava-se a Angola, enquanto os outros dois tinham por objectivo reforçar o dispositivo da Marinha na Guiné, onde o conflito se agudizava e assumia um carácter cada vez mais violento. [...] Para comandar o DFE8, é nomeado o primeiro-tenente Alpoim Galvão, que, tendo entretanto terminado o Curso de Fuzileiros Especiais, voltara a oferecer-se, desta vez, para uma comissão na Guiné. As motivações desta insistência explicou-as, mais tarde, o próprio no livro: “Sempre quis ir para a Guiné porque, devido à sua orografia, hidrografia, condições de terreno e clima, era o mais indicado para a actuação de fuzileiros. Acresce que tinha lido, em casa, vários relatórios e croquis feitos por um avô de minha mulher. Por decisão do CEMA [Almirante de Roboredo], fui nomeado comandante do DFE8, destinado à Guiné.” [pág. 53]

“Alpoim Galvão não mostrava grandes preocupações quanto à sua defesa pessoal. Usualmente armava de G3, mas muitas vezes optava por levar apenas uma pistola-metralhadora UZI, de origem israelita, oferecida por um homem da Direcção-Geral de Segurança (DGS), ou até mesmo uma simples pistola, e não costumava carregar com muitas munições. Entendia que a missão de um comandante não era estar deitado a dar tiros, como um simples atirador, mas sim per-

manecer de pé enquanto o tiro-teio chicoteava as copas das árvores ou ceifava o capim e lhe assobiava aos ouvidos. Procurava estar o mais protegido que fosse possível, qualquer tronco de árvore, por mais estreitinho que fosse, servia. (...)” [págs. 79/80]

“Numa das fases da operação ‘Tridente’ seguia como observador o capitão-tenente Melo Cristino, director de instrução da Escola de Fuzileiros, que, nunca tendo participado em qualquer campanha, pretendia sentir ao vivo o comportamento das unidades em combate, razão por que entendera visitar o teatro de operações da Guiné e fizera questão em acompanhar pessoalmente uma acção. Nessa ocasião, quando algumas secções do DFE8 progrediam na retaguarda de um pelotão de pára-quedistas, a Unidade caiu debaixo de fogo inimigo, responsável por duas

“Sempre quis ir para a Guiné porque era o mais indicado para a actuação dos fuzileiros”

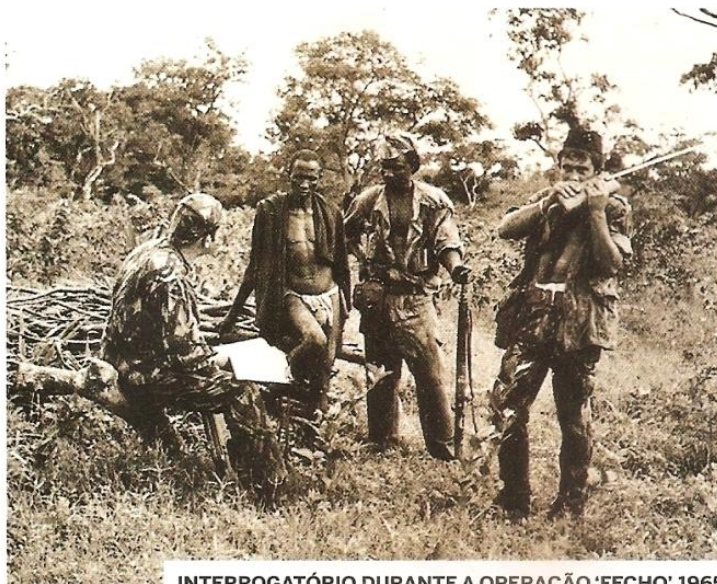
Citação de Alpoim Galvão

“A operação ‘Tridente’ serviu como ‘laboratório’ ao DFE8. Nela se afinaram procedimentos e se experimentaram novas tácticas”

CM (Domingo) 07Out2012

baixas. Durante o intenso tiro-teio travado de seguida e enquanto o tenente Calvão de pé, como era seu hábito, simplesmente protegido pelo tronco de um coqueiro, procurava orientar a manobra dos seus homens, o comandante Melo Cristino, surpreendido pela violência do fogo e pela chuva de metralha que caía em seu redor, gatinha desorientado pelo chão em redor do coqueiro sem saber muito bem o que fazer, procurando encontrar um abrigo seguro que lhe garantisse protecção. A admiração e o respeito que passou a sentir pela coragem de Alpoim Galvão e dos seus fuzileiros deixou de conhecer limites. Ele mesmo confessava com regularidade o “cagaço” que tinha apanhado (...)” [págs. 79/80]

“A operação ‘Tridente’ serviu como ‘laboratório’ ao DFE8. Nela se afinaram procedimen-



INTERROGATÓRIO DURANTE A OPERAÇÃO ‘FECHO’, 1965



Comandante Alpoim Galvão



MOCIDADE PORTUGUESA 1952. AO CENTRO, COM OTELO QUE DESCASCA BATATAS



COM A FAMÍLIA EM MADRID (1975)



PRIMEIRO-TENENTE

CM (Domingo) 07Out2012

tos e se experimentaram novas táticas, nela se adquiriram a endurance e a tenacidade indispensáveis para o que ainda os esperava, testaram a força de vontade e cimentaram a amizade, a camaradagem e o espírito de corpo. E Alpoim Galvão assumiu para si mesmo um objetivo para aquela guerra: queria todos os dias apanhar um ou dois inimigos!”[pág. 84]

“Felizmente, não era só de guerra que se vivia na Guiné. Quando se encontravam na cidade, os fuzileiros procuravam entreter-se conforme os seus interesses pessoais: uns a petiscar ostras e a beber cerveja Cristal, no “Zé da Amura”; outros recompondo-se das rações de combate com o frango à cafreal nos restaurantes da cidade; outros ainda deambulando pelo Altocrim à procura de negras, crioulas ou brancas que a troca de “patação” ou por gosto lhes proporcionassem momentos de prazer ou passando as noites na animação do ChatNoire, que muitas vezes, quando o sangue fervia – e para isso bastava um militar sentir-se humilhado ou ver a sua unidade achincalhada – acabavam em pancadaria da grossa!”[págs. 94/95]

“Na Guiné, ainda antes da independência e à medida que as Forças Armadas portuguesas retiram, explode o sentimento de vingança do PAIGC contra os seus concidadãos que estiveram ao lado de Portugal, e começam os assassinatos. A primeira vítima é o tenente Abdulai Queta Jamanca, que pertencera à 1ª Companhia de Comandos africanos e participou na operação ‘Mar Verde’, um herói condecorado pelo general Spínola [pág. 415]. ◉